

A morte e o morrer

Amélia Almeida

A morte diz respeito a todos, é o último ato de nossas vidas e, como tal, não deveria ser esquecida, evitada, negligenciada, como tem sido na contemporaneidade. O prolongamento da expectativa de vida *pari passu* com o ideal de juventude eterna, promessa da sociedade capitalista e da tecnociência que lhe acompanha, têm contribuído para tanto.

O temor do desconhecido é admissível e administrável. As experiências que nos confrontam com limites e impossibilidades são freqüentemente difíceis, embora muitas vezes necessárias e inevitáveis. A morte como expressão máxima destas situações não é fácil, assusta e tende a ser recalçada, mas não silencia. Razão bastante para que nos ocupemos dela, e isso significa trazê-la para nossos pensamentos e reflexões cotidianos de forma tanto a nos permitir viver melhor quanto para que possamos encará-la com alguma serenidade quando chegada à hora.

E o que cada um quer na sua hora? Como se quer viver o tempo que caminha acelerado para esse ato final? A recente resolução do Conselho Federal de Medicina (ver matéria publicada nesse jornal em 29/09/12) representou um grande avanço ao possibilitar que o indivíduo manifeste que tipo de tratamento médico deseja receber quando em fase terminal, onde já não é possível curar ou estender a vida de forma digna, condizente com sua condição de ser pensante e falante, isto que nos diferencia dos demais animais. Que cada um possa ser sujeito ativo no que tange a suas escolhas nesse momento e não simplesmente um objeto nas mãos de médicos ou responsáveis.

Os que são sorteados com uma morte por velhice simplesmente ou por causa súbita são privilegiados! Mas para a maioria que adoece para morrer é digno e certamente reconfortante escolher onde e como quer viver seu tempo final. Muitas vezes faz-se necessário contar com condições e cuidados especializados que propiciem conforto físico, tais como medicações para dor, auxílio respiratório, etc., e psíquico, como proximidade dos entes queridos. São os denominados cuidados paliativos, em casa ou unidades de saúde, que deveriam substituir o internamento de pacientes terminais nas frias e desoladas Unidades de Tratamento Intensivo, o que, ademais, representaria significativa economia para o sistema de saúde, como já dão provas os países que adotam o modelo.

A medicina, com todos os avanços técnicos que tem galgado, há que saber dos seus limites e equívocos; há que aceitar a morte como percurso natural e inerente à condição de qualquer ser vivo; há de não perder de vista que uma de suas funções é propiciar conforto ao doente, o que inclui ou deveria incluir uma morte digna, não o submetendo a procedimentos invasivos e inúteis; há que cuidar da formação humanística de seus médicos para que possam saber tratar de pessoas com doenças e não de doenças de pessoas como bem disse Rubens Alves, apenas para mencionar alguns dos pontos onde se faz necessário repensar seus caminhos e propósitos.

Estudo inédito publicado pela revista "The Economist" em 2010 (FSP, 05/07/10) comparando os cuidados com pacientes terminais em diversos países, coloca o Brasil entre os piores lugares para morrer, é o terceiro! Os indicadores incluem desde macrodados - como expectativa de

vida e porcentagem do PIB destinada à saúde - até fatores como a facilidade em se obter analgésicos e a existência ou não de treinamento dos estudantes de medicina em cuidados paliativos. Seria também produtivo colocar em xeque o fascínio atual pela tecnociência que se encarrega da crescente medicalização da vida e da pretensão de dominar a morte.

Aos familiares ou responsáveis, que podem influenciar ou mesmo que querem impor decisões que contrariem o desejo do paciente (termo, aliás, carregado de um sentido de passividade) convém desembaraçarem-se dos seus padrões morais, religiosos e emocionais - o egoísmo em "ter" o outro vivo sob qualquer condição ou a impossibilidade de lidar com esse corte radical para com o que se vai - para que possam efetivamente apoiar e aconchegar os seus próximos no processo de morrer. O mais recente filme de Michael Haneke, "Amor", aborda de forma sensível e delicada esse necessário aspecto de escutar o desejo do outro e realizá-lo por amor.